

9 a 352

*A Cidade das Mulheres*

*Ruth Landes*

*Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva*

UFRJ

Reitor

Coordenador do Forum  
de Ciência e Cultura

José Henrique Vilhena de Paiva

Afonso Carlos Marques dos Santos

EDITORA UFRJ

Diretora

Editora Executiva

Editora Assistente

Coordenadora de Produção

Conselho Editorial

Yvonne Maggie

Maria Teresa Kopschitz de Barros

Cecília Moreira

Ana Carreiro

Yvonne Maggie (presidente)

Afonso Carlos Marques dos Santos

Ana Cristina Zahar

Hermano Vianna

Peter Fry

Silviano Santiago

1999.67  
20256e  
f

2ª edição  
Editora UFRJ  
2002



**Não fazer anotações ou grifeo  
A tinta ou à lápis para publicação**

Titulo original: The City of Women  
Copyright © 1947 by Ruth Landes  
Tradução da 1ª edição americana (The Macmillan Company, 1947) publicada pela Editora  
Civilização Brasileira, 1967  
Direitos para a presente edição em língua portuguesa reservados à Editora UFRJ

Ficha Catalográfica elaborada pela Divisão de Processamento Técnico – SIBI/UFRJ

L256c Landes, Ruth, 1908-1991.

A cidade das mulheres / Ruth Landes; tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva;  
revisão e notas de Édison Carneiro - 2. ed. rev. - Rio de Janeiro : Editora UFRJ,  
2002.

360 p.; 15 x 21 cm.

Título original: The city of women

1. Feminilidade -- Aspectos religiosos -- Candomblé. 2. Religião -- Brasil -- Bahia.  
3. Candomblé -- Bahia. 4. Bahia -- Vida e Costumes. I. Título. II. Carneiro, Édison.

CDD 299.673

ISBN 85-7108-244-8

*Capa*

Victor Burton

*Foto da Capa*

Pierre Verger, *Retratos da Bahia*, Editora Corrupio, 1980

*Edição de texto e Revisão*

Maria Teresa Kopschitz de Barros

*Projeto Gráfico e Edição Eletrônica*

Ana Carreiro

*Digitação*

Claudia Senra

*Foto da Capa da 1ª Edição*

Marius Lauritzen Bern

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Forum de Ciência e Cultura

Editora UFRJ

Avenida Pasteur, 250 / sala 107

Praia Vermelha – CEP 22295-900

Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2295-1595 ramal 111, 124 a 127

Fax: (21) 2542-3899

E-mail: editora@editora.ufrj.br

http://www.editora.ufrj.br

*Apoio*



Fundação Universitária  
José Bonifácio

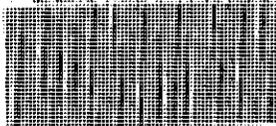
As fotografias desta edição  
MUSEU NACIONAL  
Nacional Antropológica Arch

DEP. DE HISTÓRIA E ETNOLOGIA

BIBLIOTECA

Nº REG. 13705

720002300



Smithsonian Institution Na-  
tional Anthropological Arch  
Study of Man e pela Ciência

## Sumário

# DIVULGAÇÃO

Prefácio	9
Apresentação	23
Nota à 1ª edição brasileira	31
Prólogo	33
A cidade das mulheres	35
<i>Anexos</i>	
Aspectos particulares	317
Matriarcado cultural e homossexualidade masculina	319
O culto fetichista no Brasil	333
Escravidão negra e <i>status</i> feminino	347

Never do not make annotations or griffes  
in the text or in the page of this publication

*Prefácio*  
*Esboços no espelho*

Mariza Corrêa

*... muitas idéias a respeito dos perigos sexuais  
são melhor interpretadas como símbolos da relação  
entre partes da sociedade, espelhando esboços  
de hierarquia ou de simetria que existem  
no sistema social mais amplo.*

*Mary Douglas*

A curta temporada que Ruth Landes passou no Brasil redundou em quatro artigos e um livro,<sup>1</sup> mas provocou muito fuxico nas hostes de pesquisadores nacionais e internacionais, a tal ponto que é difícil reter, hoje, *A cidade das mulheres* sem procurar os indícios do escândalo que sua presença, já ela ausente, representou no meio dos pesquisadores brasileiros, no final da década de 1930.<sup>2</sup> É importante, assim, relembrar a trajetória de sua permanência aqui, e rememorar brevemente sua carreira acadêmica, para situar este livro no contexto da época e na história da antropologia brasileira.

No outono de 1938 chegavam ao Brasil os primeiros pesquisadores norte-americanos de uma longa série a vir para cá, inaugurando uma cooperação entre instituições universitárias brasileiras e norte-americanas que se mostrou duradoura. Com uma particularidade: os primeiros a chegar, graças a uma colaboração estabelecida entre o Museu Nacional e a Columbia University, eram antropólogos. Em 1938 chegavam William Lipkind e sua esposa, Buell Quain, definido na documentação da época como seu assistente, e Ruth Landes. No ano seguinte chegaria Charles Wagley, que manteve relações de amizade e trabalho no Brasil ao longo de quase toda sua vida, tendo casado com uma moça brasileira, e, nos anos seguintes,

James e Virginia Watson e Robert e Yolanda Murphy. Wagley afirma que foi por iniciativa da então diretora do Museu Nacional, Heloísa Alberto Torres, em carta dirigida a Franz Boas sugerindo a vinda de jovens antropólogos para trabalhar no País, que a cooperação teve início. Ruth Landes lembra que Jules Henry foi o primeiro aluno de Columbia a vir para cá, para estudar os kaingang, e que fora graças a ele que Ruth Benedict e Franz Boas se interessaram pelo Brasil como campo de estudos. Seja como for, todos os jovens antropólogos que trabalharam sob a tutela de Heloísa Alberto Torres, que, não só como diretora do Museu Nacional, mas principalmente como integrante do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, criado em 1933, tinha um papel preeminente na antropologia brasileira, vieram para o País com o objetivo de estudar as populações indígenas.<sup>3</sup> Com uma exceção, Ruth Landes.

Ruth Schlossberg Landes nasceu em Nova York, em 1908, filha de imigrantes judeus. Seu pai, Joseph Schlossberg, era um alfaiate que viera da Rússia com 13 anos e foi um dos fundadores da Amalgamated Garment Worker's Union of America (AGWUA), importante sindicato norte-americano, tendo criado Ruth num ambiente que incluía intelectuais — judeus e negros, alguns deles importantes personagens da renascença do Harlem. Sua dissertação de mestrado (1929 [1967]) tratava, justamente, de um fenômeno religioso no Harlem: os negros judeus que seguiam a liderança de James Garvey.

Quando começou seu doutorado em Columbia, no entanto, e graças à influência de Ruth Benedict, Landes passou um período trabalhando com populações indígenas, tendo publicado dois livros sobre os ojibwa do Canadá (1937;1938 [1997]) antes de vir para o Brasil.<sup>4</sup> Além disso, depois de defender sua tese de doutorado, continuou a trabalhar com Ruth Benedict e recolheu material para dois livros que seriam publicados bem mais tarde, sobre os potawatami do Kansas e os dakota.<sup>5</sup>

A mãe de Landes, Anna Grossman, que viera de Berlim já adulta, para morar com um irmão e a cunhada, tinha recebido mais educação

formal do que seu pai, um autodidata, e continuara a trabalhar durante alguns anos depois de casada. Cole observa que as diferenças de classe e educação entre seus pais, o desinteresse de Anna pela vida doméstica e a crescente importância de Joseph como líder sindical tinham tornado a mãe distante de seu marido e filhos, Ruth e um irmão dois anos mais jovem que ela, e especialmente áspera com a jovem, e aproximado Ruth do pai — a quem ela acompanhava com frequência aos comícios dos trabalhadores. Seria fácil supor, assim, que a intensa afeição de Ruth Landes por sua orientadora, Ruth Benedict, somada à sua forte ligação com uma nativa dos ojibwa, uma avó e visionária, e, mais tarde, sua afeição e admiração pelas mães de ascendência africana na Bahia, eram modos de compensar a falta de afeição materna. Essa pode ser parte da história, mas não creio que seja a mais importante. Penso, antes, que o modo como Landes iniciou sua pesquisa de campo no Canadá foi fundamental para estabelecer uma estratégia de pesquisa que ela seguiria com os dois primeiros grupos sociais com os quais trabalhou e talvez também a estratégia de publicação dos resultados de sua pesquisa.<sup>6</sup>

Ruth Landes tinha 23 anos ao chegar ao Canadá para estudar os ojibwa, quando já havia defendido sua dissertação de mestrado e acabara de se separar do marido, o estudante de medicina Victor Landes, cujo sobrenome manteve até morrer. Lá chegando estabeleceu contato com uma nativa, de ascendência escocesa, Maggie Wilson, conhecida de outros antropólogos por ser bilingue, e que não só lhe deu informações sobre a tribo, como escreveu (de fato, ela ditava para a filha suas cartas para Landes) as narrativas que formam o capítulo 5 de seu livro *The Ojibwa woman*, as histórias de vida. Sobre ela, Landes observou numa carta a Ruth Benedict: “Acho que agora ela é tão boa etnóloga quanto qualquer uma de nós”.<sup>7</sup>

Ela poderia ter feito a mesma observação sobre Édison Carneiro, a quem teve a sorte de encontrar ao ir para Salvador fazer pesquisa de campo um pouco mais tarde.<sup>8</sup> Ao chegar, Ruth tinha 30 anos e Édison Carneiro, 26. Formado em Direito, jornalista e defensor do direito de os grupos de candomblé manifestarem suas crenças, ele tinha também recém-

publicado dois livros. Ambos, *Religiões negras* (1936) e *Negros bantos* (1937), saíram na Biblioteca de Divulgação Científica, coleção dirigida por Artur Ramos na Editora Civilização Brasileira. Em 1937, Édison Carneiro organizou também o II Congresso Afro-Brasileiro. Do congresso participaram todos os intelectuais brasileiros que na época se interessavam pelas relações raciais, alguns pesquisadores internacionais, que começavam a pôr a Bahia no mapa das relações raciais no cenário internacional (Donald Pierson, Melville Herskovits), mas principalmente figuras de liderança do candomblé baiano: Martiniano do Bonfim; Eugênia Ana dos Santos, Mãe Aninha; Manuel Bernardino da Paixão, o Bernardino do Bate Folha, e Manuel Vitorino dos Santos, o Manuel Falefá da Formiga, entre outros. O babalaô Martiniano do Bonfim, antigo colaborador de Nina Rodrigues e, mais tarde, do romancista Jorge Amado, e que também foi entrevistado por Pierson, Landes e Franklin Frazier, foi o presidente de honra do Congresso e fez parte também da primeira diretoria da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia, criada em setembro de 1937, como resultado político do II Congresso e graças ao trabalho de organização de Édison Carneiro. Carneiro, na época repórter de *O Estado da Bahia*, participava ainda, com Jorge Amado e outros intelectuais locais, de uma Academia dos Rebeldes, e escreveu, em colaboração com o jornalista Osvaldo Dias da Costa e com Jorge Amado, um romance, *Lenita*.<sup>9</sup> Quase todos saíram de lá em seguida, por razões políticas: eram todos membros ou simpatizantes do Partido Comunista.

Foi a esse grupo de jovens rebeldes que a rebelde Ruth Landes se juntou ao chegar à Bahia no início de 1938.<sup>10</sup> A história de sua relação com esses jovens intelectuais e com as figuras do candomblé baiano está bem documentada nas páginas deste livro e é desnecessário reproduzi-la aqui. Mas cabe enfatizar a importância de Édison Carneiro para sua pesquisa. Ele representou sua vinculação com a sociedade local, do mesmo modo que Maggie Wilson fora seu elo de ligação com os ojibwa — e, na Bahia como no Canadá, Landes optou por seguir a interpretação dos nativos em sua narrativa sobre a vida cotidiana deles. Ambas as pesquisas são, certamente, crônicas de juventude, mas este livro é também um registro

que conserva, de forma vívida, a memória de tantos personagens importantes na construção de um campo antropológico de estudos sobre as relações raciais no Brasil.

Se Sally Cole tem razão ao dizer que o livro sobre as mulheres ojibwa “iniciou a vida pública de controvérsias de Landes na antropologia”,<sup>11</sup> não é menos verdade que *A cidade das mulheres* teve igualmente um papel controverso, ainda que pioneiro (ver Peter Fry, na Apresentação), no campo do estudo das religiões afro-brasileiras, e certamente contribuiu também para um certo desconforto entre seus colegas acadêmicos, particularmente Melville Herskovits e Margaret Mead nos Estados Unidos. Mead dizia, numa carta a Benedict, em 1939, que Landes deveria ser encorajada a “transformar (...) o quadro social urbano, complexo, desorganizado, com prostituição, num quadro mais típico de travestismo socialmente aceito e integrado” — o que ela não fez, pois tomou o partido de acompanhar a interpretação de Carneiro e das mães dos terreiros de candomblé que conheceu. A crítica de Mead e a crítica inicial de Artur Ramos, eram provavelmente dirigidas a um relatório encomendado a Landes por Gunnar Myrdal, no âmbito da pesquisa coordenada por ele e que redundaria em *An American dilemma*, aparentemente o primeiro trabalho escrito por ela depois de voltar do Brasil. Parte de sua argumentação aí exposta está em dois artigos (1940) que Landes publicou antes de escrever seu livro e num outro posterior (1953) apresentados como anexos na primeira edição brasileira e mantidos na presente edição. Nas edições em inglês (1947, 1994), esses artigos não foram incluídos — deixando de lado um importante aspecto da sua análise e que foi a base de muitas críticas ao livro. Sua inclusão na primeira edição brasileira deve-se à iniciativa de Édison Carneiro, que não apenas reviu a tradução original,<sup>12</sup> mas, segundo informação de Sally Cole, também fez as correções sugeridas por Landes, por ocasião de sua visita ao Brasil em 1966, um ano antes de sua publicação.<sup>13</sup>

Landes voltara ao Brasil, segundo Cole, para dar início ao primeiro projeto em sua nova posição de professora permanente na McMaster University, em Ontário, e aqui ficou de maio a setembro. O tema de sua

pesquisa era urbanização, mas Landes esteve doente durante quase toda a sua estada e não publicou nada sobre esse assunto. Mas durante esse tempo leu a tradução de seu livro e sugeriu algumas revisões.

Depois da pesquisa com os candomblés da Bahia, Landes escreveu o curto relatório já referido, para o projeto chefiado por Myrdal, trabalhou, durante a II Guerra, de 1940 a 1945, no *Committee on Fair Employment Practices* – trabalho citado por ela no prólogo deste livro. Trabalhou depois num projeto da área metropolitana de Los Angeles, relacionado com crianças negras e mexicanas; no *American Jewish Committee* em Nova York; recebeu uma bolsa da Fulbright para estudar a migração caribenha em Londres; e foi professora de antropologia em duas faculdades americanas antes de, finalmente, obter um contrato permanente no Canadá, aos 56 anos de idade, lá ficando até sua morte, em 1991, aos 83 anos.<sup>14</sup>

Quase cinquenta anos depois de sua pesquisa no Brasil, Landes descrevia numa carta uma foto tirada no jardim do Museu Nacional em 1939: “D. Heloísa a encomendou porque nós três estrangeiros fomos partir logo – Lévi-Strauss e eu para Nova York, Wagley para Mato Grosso, acho – e ela queria uma lembrança. Ela gostava mais dos americanos. L.-S. estava infeliz, claro, a França fora invadida pelos nazis; sua esposa o tinha deixado cerca de um ano antes. D. Heloísa nos fez escrever nossos nomes nas costas de cada cópia. (...) [A foto] mostra ela [d. Heloísa], Lévi-Strauss (da minha idade), eu, Charles Wagley (alguns anos mais jovem), Luiz de Castro Faria, Raimundo Lopes e Édison Carneiro”. Tal grupo nunca mais se reuniria, mas as imagens do Brasil que todos eles deixaram gravadas na cena textual são parte integrante de nossa memória antropológica.

Segundo Mary Douglas, (1966) “É preciso dois para manter uma relação sexual, mas basta um para cozinhar uma refeição”. Assim Douglas explicava porque, entre os bamba, a poluição era atribuída às mulheres – responsáveis pela comida cozida. E continua: “Se a mulher bamba não quisesse ficar em sua aldeia e lá tornar-se uma influente matrona, se ela

estivesse disposta a seguir humildemente seu marido até a aldeia dele, ela poderia deixar de lado sua ansiedade a respeito da poluição sexual”. Estaria liberada dela, isto é, se ela não quisesse, ao mesmo tempo, ser “livre e independente” e “manter seu marido” – um caso, diz Douglas, de querer ter o bolo e comê-lo.

Normas contraditórias de comportamento são o pão de cada dia dos antropólogos: ao tratar delas, justamente, como contraditórias, tanto em sua primeira monografia, quanto neste livro, Ruth Landes desafiou, ela mesma, uma norma de sua disciplina na época – a de que os indivíduos se adequam à sua cultura. Ela, ao contrário, como bem mostra Sally Cole, não só não se adequou aos padrões culturais esperados de uma boa moça judia (e branca), como em sua “análise do candomblé afro-brasileiro descreveu as lutas em torno dos significados e dos papéis sociais, em vez de enfatizar a integração e a coerência centrais aos retratos de cultura de Mead e de Benedict”.<sup>15</sup>

Sua narrativa sobre as vicissitudes das mães nagô na Bahia – lutando para estabelecer um padrão cultural por oposição à poluição que elas viam representada nos cultos caboclos – é, assim, tanto um capítulo da história da antropologia, quanto o registro de uma disputa local que ajuda a esclarecer as relações entre sexo e raça na nossa sociedade. Ao aderir aos valores de uma fração do grupo estudado, Landes se expôs, ela mesma, a ser vista como parcial em relação à sociedade que se propunha estudar: as críticas que recebeu, na época, mostram bem que ela estava remando contra a maré. A visão corrente – não obstante todas as evidências empíricas registradas nos trabalhos de Nina Rodrigues e seus seguidores – era a de que a dominação masculina, vigente na sociedade brasileira como um todo, era também vigente nos cultos afro-brasileiros. Ao desmontar este esquema simplista, mostrando a preeminência das mulheres nos cultos nagô e dos homossexuais nos cultos caboclos, Landes expôs uma fratura de gênero na análise dos cultos afro-brasileiros que merece atenção até hoje.

E, apesar da ênfase que retrospectivamente atribuímos à questão racial no seu livro, creio que ela será lembrada também como uma fina observadora de detalhes que são, afinal, a marca da boa antropologia, como nessa, uma entre tantas, observação logo na chegada ao Brasil:

Passei, pois, três meses no Rio, adquirindo, como podia, a intrincada e idiomática linguagem e aprendendo também a linguagem que não é de língua, mas se exprime pelos dedos e pelas mãos, até mesmo por movimentos ondulantes dos braços e dos ombros, pelo brilho do olhar e por muitos movimentos sutis que se desenham levemente sobre um rosto e dão cor às tonalidades da voz (p. 41).

O espelho que Ruth Landes volta para nós com tanta graça está coberto de pequenos esboços de análise como este e é certamente essa qualidade que torna este livro merecedor de ser relido.

### Notas

<sup>1</sup> O livro é este, agora em sua segunda edição brasileira; três dos artigos, aqui incluídos como anexos, não fizeram parte da edição americana; o quarto é a memória de Landes sobre sua pesquisa no Brasil: "A woman anthropologist in Brazil".

<sup>2</sup> Há outros indícios interessantes a perseguir, no entanto, ainda que eles não caibam num curto prefácio como este. Lembrando a ênfase da antropologia norte-americana na cultura, não deixa de ser instrutivo reler um diálogo entre Landes e seus amigos a respeito da cultura dos negros americanos. Diz ela: "— Bem, os norte-americanos pensam em termos de raça. Um preto é inferior a um branco por causa da sua raça.

— E a cultura do negro?

— Isso não importa. Não se imagina que um negro tenha cultura alguma [no original inglês: nenhuma cultura própria], a não ser a que lhe vem do branco; e mesmo esta supõe-se que ele oculte. (...)

— Norte-americanos! (...) Que se importam eles com a cultura!" (p. 149)

É importante lembrar que o proponente de uma "cultura própria" para os negros americanos, Herskovits, fez uma crítica negativa a este livro — tendo ele próprio recebido críticas negativas em relação à sua proposta, de Benedict e outros antropólogos e sociólogos americanos, ao publicar seu *The myth of the Negro past*, em 1941. Lido hoje, o artigo de Landes, "O culto fetichista", parece também uma reivindicação da existência de mais "africanismos" no Brasil do que entre os saramacca que Herskovits estudara...

<sup>3</sup> Sobre a vinda dos primeiros antropólogos, suas trajetórias e a importância do Conselho, e de d. Heloísa, nas pesquisas da época, ver L. D. Benzi Grupioni, *Coleções e expedições vigiadas*.

<sup>4</sup> No mesmo período, Landes também sofreu a influência da psicanálise, tendo publicado um artigo sobre a personalidade ojibwa em 1937 e sido uma das candidatas a um curso de introdução à psicanálise para antropólogos, projetado, mas nunca criado, por Edward Sapir. Ver R. Darnell, *Personality and culture: the fate of the Sapirian alternative*.

<sup>5</sup> A biógrafa de Landes, Sally Cole, observa: "O registro feito por Landes das práticas shamanísticas dos americanos nativos e seu interesse antigo pela sexualidade podem ser atribuídos ao livro de Benedict, *Padrões de cultura*, e a seu artigo "A antropologia e os anormais", ambos publicados em 1934. Benedict descrevia como outras culturas integravam o comportamento considerado 'desviante' na América e como a possessão por espíritos, a homossexualidade, a paranóia e a megalomania, por exemplo, são às vezes o fundamento da autoridade e da liderança. O trabalho de Benedict continha uma crítica explícita à intolerância da sociedade americana, e ela insistia na pesquisa etnográfica a respeito desses temas. Nesse contexto histórico, o estudo de Landes sobre o candomblé na Bahia deve muito à influência de Ruth Benedict." (Cole, Ruth Landes in Brazil). Sally Cole completou recentemente sua biografia de Ruth Landes, que será publicada pela University of Nebraska Press: *Gleaning in the fields of Boas: Ruth Landes and American Anthropology*. Sou grata a ela pelas informações adicionais que me deu sobre a publicação de *A cidade das mulheres* e pelos textos que me enviou sobre Ruth Landes, citados no decorrer desta apresentação.

<sup>6</sup> Não sei se tal estratégia — a de se aliar a uma ou a um especialista nas questões locais e a de publicar os nomes reais das pessoas envolvidas em sua narrativa — foi seguida por ela em outras obras. Na segunda edição de *The Ojibwa woman*, Sally Cole observa que os nomes foram substituídos por pseudônimos.

E embora Cole observe que Landes reescreveu *A cidade* “num estilo popular” (“Pilgrim souls”, p. 24), numa carta a Artur Ramos, no final de 1939, Landes já anunciava sua intenção de escrever o livro “num estilo mais popular”. A questão da identificação dos pais-de-santo homossexuais nunca foi mencionada na discussão sobre sua pesquisa. Ver Carneiro, “Uma falseta de Artur Ramos”, em *Ladinos e crioulos*.

<sup>7</sup> Citado em Cole, Apresentação a *The Ojibwa woman*. Sobre esta interessante etnóloga nativa, ver, de Sally Cole, “Dear Ruth: this is the story of Maggie Wilson, Ojibwa ethnologist”, in E. Cameron e J. Dickin (org.), *Great dames*.

<sup>8</sup> No trecho que se segue, utilizo as informações contidas nos excelentes artigos e notas de Waldir Freitas Oliveira e Vivaldo da Costa Lima, no livro organizado por ambos, *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*.

Nascido em 1912, Édison Carneiro faria 90 anos em 2002, mas, tendo falecido em 1972, neste ano se completam trinta anos de sua morte. Sobre sua trajetória depois de sair da Bahia, ver Waldir Freitas de Oliveira, em *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*, e Luís Rodolfo Vilhena, *Projeto e missão*.

<sup>9</sup> A nota de Waldir Freitas Oliveira, em *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*, é a única menção que conheço desse romance, publicado em 1930: “inconseqüente aventura de três jovens dispostos a romperem com os padrões literários da época”. Oliveira menciona ainda outra publicação política da qual Édison Carneiro participou, a revista *Flamma*, aparentemente com apenas quatro números publicados, em 1937, o quarto tendo sido apreendido pela polícia política antes de ser distribuído. Numa de suas cartas a Artur Ramos, Carneiro lhe agradece pela colaboração enviada para a revista. Landes menciona pelo menos outro integrante do grupo, Áidano do Couto Ferraz, pelo nome, no capítulo 11.

<sup>10</sup> É bem conhecida a história da relação amorosa que Landes manteve com dois negros: primeiro em Fisk, onde esteve antes de vir para o Brasil, para “aprender a etiqueta dos negros”, como dizia; depois, na Bahia, com Édison Carneiro. Essas relações lhe custariam caro: tanto uma carta de “des-recomendação” de um professor de Fisk ao então mais prestigioso pesquisador da área no Brasil, o titular da cadeira de Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia, Artur Ramos, quanto duas resenhas muito negativas de *A cidade das mulheres*, uma assinada por Ramos, a outra por Melville Herskovits. Analisei o contexto dessas relações em outros textos (2000; no prelo) e não vale a pena repetir aqui a análise. Mas vale acrescentar que Landes não foi apenas acusada

por seus colegas homens, no que poderia ser desqualificado como um movimento machista. Margaret Mead, já uma antropóloga preeminente nos Estados Unidos, criticava o trabalho de Landes na Bahia, logo depois de ela ter voltado do Brasil, e dizia, na mesma carta a Ruth Benedict: “Se houvesse alguma maneira de ensiná-la a ser ou (a) uma senhora ou (b) uma mulher acadêmica comum, que se comportasse de maneira rotineira em situações acadêmicas, isso ajudaria”. Citado em Cole, “Pilgrim souls, honorary men, (un)dutiful daughters: sojourners in modernist Anthropology”. Cole dá outros exemplos para fundamentar sua observação de que “... ao passo que Benedict apreciava o individualismo de Landes e sua originalidade acadêmica, Mead achava a personalidade de Landes irritante e não concordava com suas referências teóricas para a análise da cultura.”

<sup>11</sup> “Pilgrim souls...”, p. 24. A citação seguinte é da p. 25.

<sup>12</sup> Vivaldo da Costa Lima observa pelo menos a exclusão de uma palavra, o adjetivo “políticos” na frase: “Édison disse que Menininha se agastara com ele por motivos [políticos] ligados com a União dos Candomblés, em que ele e Martiniano se haviam empenhado, e à qual pertencera o Gantois (...)”. E comenta: “... é preciso não esquecer que a tradução brasileira do livro de Ruth Landes foi revista e anotada por Édison Carneiro” (*Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*, p. 133). Um cotejo entre as duas edições certamente valeria a pena para o especialista no estudo das relações raciais, mas não é demais enfatizar a importância das notas de Carneiro, só existentes na edição brasileira, e das correções feitas durante a revisão: na edição americana, por exemplo, o nome da mulher de Martiniano do Bonfim é Elena, na brasileira é Matilde.

<sup>13</sup> O primeiro é o artigo no qual Landes estabelece a relação entre o “matriarcado” nos cultos nagô e a predominância de homossexuais nos cultos caboclos e foi publicado originalmente em julho de 1940. O segundo artigo foi publicado em outubro do mesmo ano, no mesmo número do *The Journal of American Folklore* em que saiu também uma tradução, feita por Landes, do artigo de Édison Carneiro: “The structure of African cults in Brazil”. Oito anos depois, Carneiro publicou este artigo, em inglês, como apêndice ao seu *Candomblés da Bahia*: o número total de pais e mães-de-santo permanece o mesmo, mas sua distribuição muda. Apesar de enfatizar a “importância superior das mulheres no candomblé”, Carneiro observa que havia 37 pais e 30 mães no universo estudado, concluindo que “hoje o número de pais e mães é igual”. O artigo deixou de ser incluído nas edições seguintes do livro.

- <sup>14</sup> Ver a saga de Landes em busca de um emprego permanente em Sally Cole, "Pilgrim souls...". Cole comenta que Landes sentia sua vida no Canadá como um "exílio". Numa carta que me enviou, Landes disse que chegara ao Canadá "devido à enorme necessidade de escapar de meu marido alcoólatra." (Carta de 24 de agosto de 1986). Na mesma carta ela recusava um convite para vir ao Brasil porque estava planejando um novo livro sobre seus estudantes em Fisk na década de 1930, organizando suas notas de campo e livros para enviar à Smithsonian Institution e viajando entre o Canadá e os Estados Unidos em busca de um lugar para se estabelecer.
- <sup>15</sup> S. Cole, "Pilgrim souls...", p. 26. Algo muito semelhante ao que mostrara no livro sobre os ojibwa: ainda que houvesse uma estrita divisão de trabalho entre homens e mulheres, as detalhadas narrativas de Maggie Wilson mostram as mulheres o tempo inteiro escapando ao roteiro previsto para elas.

### Referências Bibliográficas

- CARNEIRO, Édison. *Religiões negras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Negros bantos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- \_\_\_\_\_. The structure of African cults in Brazil. *The Journal of American Folklore*, v. 53, n. 210, 1940.
- \_\_\_\_\_. *Candomblés da Bahia*. Bahia: Publicações do Museu do Estado, Secretaria de Educação e Saúde, n. 8, 1948.
- \_\_\_\_\_. *Ladinos e crioulos: estudos sobre os negros no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- COLE, Sally. Ruth Landes in Brazil. Writing, race and gender in 1930's American Anthropology. Introduction. In: LANDES, Ruth. *The city of women*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. Women's stories and Boasian texts: the Ojibwa ethnography of Ruth Landes and Maggie Wilson. *Anthropologica*, 1995.
- \_\_\_\_\_. Ruth Landes and the early ethnography of race and gender. In: BEHAR, Ruth; GORDON, Deborah A. (org.). *Women writing culture*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1995.

- \_\_\_\_\_. Introduction. In: LANDES, Ruth. *The Ojibwa woman*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. Dear Ruth: This is the story of Maggie Wilson, Ojibwa ethnologist. In: CAMERON, E.; DICKIN, J. *Great dames*. Toronto, Buffalo e Londres: University of Toronto Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. Pilgrim souls, honorary men, (un)dutiful daughters: sojourners in modernist Anthropology. In: BRIDGMAN, R.; COLE, S.; HOWARD-BOBIWASH, H. (org.). *Feminist fields: ethnographic insights*. Canadá: Broadview Press, 1999.
- CORRÊA, Mariza. O mistério dos orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira. *Etnográfica*, v. 4, n. 2, 2000.
- \_\_\_\_\_. All the women are white, all the blacks are men – but are they? Race and gender in Bahia candomble. *Contours* (no prelo).
- DARNELL, Regna. Personality and culture. The fate of the Sapirian alternative. In: STOCKING Jr., G. (org.). *Malinowski, Rivers, Benedict and others*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986. V. 4: Essays on culture and personality. (History of Anthropology).
- DOUGLAS, Mary. *Purity and danger. An analysis of concepts of pollution and taboo*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1966.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *Coleções e expedições vigiadas. Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998.
- HEALEY, Mark. Os desencontros da tradição em *A cidade das mulheres: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes*. *Cadernos Pagu*, v. 6/7, 1996.
- LANDES, Ruth. *Ojibwa sociology*. Nova York: Columbia University Press, 1937.
- \_\_\_\_\_. *The Ojibwa woman*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1997 (1938).
- \_\_\_\_\_. *The city of women*. 2. ed. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1994. [1. ed. Nova York: Macmillan, 1947].
- \_\_\_\_\_. Negro Jews in Harlem. *Jewish Journal of Sociology*, v. 9, n. 2, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Ojibwa religion and the Midéwiwin*. Madison: University of Wisconsin Press, 1968.
- \_\_\_\_\_. *The mystic lake Sioux*. Madison: University of Wisconsin Press, 1969.
- \_\_\_\_\_. A woman anthropologist in Brazil. In: GOLDE, Peggy (org.). *Women in the field: anthropological experiences*. Chicago: Aldine, 1970.

- \_\_\_\_\_. *The prairie Potawatami*. Madison: University of Chicago Press, 1970.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas; LIMA, Vivaldo da Costa (org.). *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*. São Paulo: Corrupio, 1987.
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão. O movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997

## Apresentação

Peter Fry

As observações de Landes sobre a presença de mulheres e homossexuais no candomblé da Bahia, que agora, no início do século XXI, parecem até corriqueiras, foram intensa novidade na época e contribuíram em grande parcela para o desentendimento já referido entre Landes e parcela importante do então *establishment* da antropologia brasileira e da antropologia sobre o Brasil: do lado brasileiro, Artur Ramos, então professor catedrático de Antropologia na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, e do lado dos Estados Unidos, Margaret Mead, do Museu de História Natural de Nova York, e Melville Herskovits, da Northwestern University.

Se é possível que Margaret Mead tenha reagido ao relatório que Ruth Landes encaminhou a Gunnar Myrdal, foi com certeza este relatório e o artigo denominado “Matriarcado cultural e homossexualidade masculina”, que provocaram a crudelíssima crítica de Artur Ramos, publicada no seu livro *A aculturação negra no Brasil* (Ramos, 1942),<sup>1</sup> no qual Ramos negou a preeminência das mães-de-santo e alegou não existir nenhuma relação entre homossexualidade e candomblé. Aliás foi além da própria Landes, negando o que ela de fato não disse, ou seja, que havia “homossexualidade ritual” nos candomblés.<sup>2</sup> Ramos e Herskovits trocaram correspondência onde compartilharam o seu desprezo pelo trabalho de Landes.<sup>3</sup> Herskovits (1947) publicou uma resenha de *A cidade das mulheres* na revista *American Anthropologist* em que reconheceu a vitalidade da obra mas questionou as credenciais “antropológicas” da autora. Não é este o momento de entrar nas razões profundas do desentendimento entre Ramos e Herskovits, de um lado, e Landes do outro,<sup>4</sup> mas interessa, e muito, reconhecer que Ruth Landes tocou em pelo menos três feridas

antropológicas da época; o *status* das mulheres na sociedade brasileira, o lugar da África na interpretação da “cultura negra” no Novo Mundo e a relação entre homossexualidade masculina e religiosidade afro-brasileira.

De fato, Landes nunca fez menção a uma relação estática e perene entre feminilidade e liderança dos *candomblés*. Ela sugeriu uma *tendência*; um gradual aumento do número de mães-de-santo nos *candomblés* mais tradicionais e um aumento do número de “homossexuais passivos” nos *candomblés* de caboclo. Talvez por se preocupar menos em estabelecer linhas genealógicas entre traços culturais da África e manifestações aqui no Brasil, no estilo de Herskovits sobretudo, e mais em compreender a lógica e o funcionamento das instituições afro-brasileiras na Bahia contemporânea, Ruth Landes pôde enxergar um campo em movimento e mutação. O seu guia maior, Édison Carneiro, compartilhava com as mães tradicionais um desdém em relação aos novos cultos de caboclo cuja “feitura” era rápida demais, porém Landes, mais “antropóloga”, questionou a razão de ser desta novidade e indagou sobre o seu significado para os participantes, em particular os “homossexuais passivos”. E ainda viu que, para muitos destes, o *candomblé* representava um caminho para alcançar *status* e riqueza que a prostituição e pequenos crimes de rua jamais poderiam garantir.

Mas de que forma a autora interpreta a tendência de aumento do poder “feminino” que observa no *candomblé* (seja o feminino das mães nos grandes terreiros tradicionais como Gantois e Axê Opo Afonjá ou o feminino dos “homossexuais passivos” nos terreiros de caboclo)? Não apelou para a “tradição africana”, primeiro, porque já achava que não interessava tanto e segundo, porque as sociedades ioruba sempre foram notoriamente patriarcais. Indica dois fatores fundamentais: a vontade das mulheres de construir trajetórias independentes dentro do *candomblé* e, significativamente, na sociedade envolvente em geral também. Landes percebe que o “matriarcado” não é exclusividade das “famílias de santo”, para utilizar o termo consagrado por Vivaldo Costa Lima (1977), mas existe também nas famílias negras e pobres em geral. Assim, ela identifica

uma relação entre pobreza e “matrifocalidade” mais tarde muito bem documentada na literatura, agora clássica, tanto em famílias negras do Caribe (Clarke, 1957; Smith 1956) quanto em famílias operárias “brancas” e européias (Kerr, 1958; Young e Willmott 1957).

Desta forma Landes se aliava à posição de Frazier (1943b) tão criticada por Herskovits (1943), o qual insistia numa interpretação que considerasse a herança cultural africana. O desentendimento entre Frazier e Herskovits estava fundado em duas visões bastante distintas sobre o papel da “cultura” na interpretação dos fenômenos sociais, no caso a “família negra afro-bahiana”. Frazier, ele próprio negro, sugeriu que entre os “assim chamados negros [*negroes*]” da Bahia as formas familiares seguiam as regras da pobreza brasileira e não deviam nada a uma “herança africana”, a qual, segundo ele, estaria mais aparente nas esferas da religião e do folclore. No seu artigo, Herskovits fez críticas muito parecidas às que dirigiu a Landes, sugerindo que Frazier, com sua ignorância sobre a África, não poderia sequer enxergar os africanismos presentes na Bahia. Invocando a sua “autoridade” de africanista, interpretou os arranjos de combinações de casamento e amasiamento como herança da cultura ioruba. Na sua réplica, Frazier lançou mão de fina ironia para sugerir que tudo o que Herskovits havia enxergado como africano entre os negros baianos era, de fato, brasileiro. E isso, entre outras razões, devido ao intenso intercâmbio sexual e social entre as várias “raças” presentes na Bahia e à ausência de um grupo negro cultural e espacialmente estanque.<sup>5</sup> No fundo, Frazier negava uma cultura específica aos negros. No âmbito desta Apresentação, o importante é que Frazier, ao contestar a autoridade de Herskovits, buscava apoio nos dois protagonistas maiores de *A cidade das mulheres*, Ruth Landes e Édison Carneiro. Confirmou alguns “fatos” sobre uma determinada família citada no artigo de Herskovits com a “dra. Ruth Landes, que passou mais de um ano no Brasil e que conhecia bem esta família”, e, numa discussão sobre a semântica de “pai-de-santo” e “mãe-de-santo” e a sua tradução para o inglês, consultou Landes e Carneiro.<sup>6</sup> É como se as posições teóricas fossem sinais diacríticos para as alianças de amizade, ou, quem sabe, vice-versa.

Mas foi a sua posição sobre a homossexualidade masculina, presente em *A cidade das mulheres* e mais desenvolvida no artigo “Matriarcado cultural e homossexualidade masculina,” que provocou a ira do *establishment* e causou tanta mágoa a Ruth Landes. Ramos negou qualquer relação entre homossexualidade masculina e candomblé:

Não há homossexualismo ritual ou religioso entre os negros do Brasil. O que a A. observou foram alguns indivíduos homossexuais, na Bahia, que, por coincidência, tinham encargos religiosos. Mas isso é um fenômeno puramente individual, e nada tem que ver com as práticas religiosas; não há significação ritual ou cultural. Eu mesmo conheço alguns pais-de-santo homossexuais; como são homossexuais alguns negros, mulatos e caboclos, que nada têm que ver com o culto. Os casos isolados que a A. observou não têm, pois, significado étnico nem cultural; não estão ligados a nenhuma tradição africana. (Ramos, 1942, p. 188)

Herskovits foi mais cauteloso na sua crítica, admoestando a autora apenas por ter enfatizado demais a homossexualidade de sacerdotes masculinos: “há muitos sacerdotes tanto ‘ortodoxos’ quanto de caboclo que não têm nenhuma tendência à inversão” (Herskovits, 1947, p. 125).

Desde então há intensa discussão sobre o tema. A antropologia posterior defendeu a posição de Landes, mesmo tendo tomado atitude mais crítica em relação à sua posição um tanto essencialista sobre a homossexualidade “passiva” e “ativa”. Estes termos, supostamente universais e correntes nas ciências sociais e médicas da época, são, no fundo, “traduções” de termos nativos brasileiros hoje em dia: “bicha” ou “viado” e “bofe”. Estudos posteriores confirmaram as tendências observadas por Carneiro e Landes: René Ribeiro em Recife (Ribeiro, 1954), Seth e Ruth Leacock e Peter Fry em Belém (Fry, 1982; Leacock, 1975), e Patrícia Birman no Rio de Janeiro (Birman, 1995). Como Landes, estes autores não procuraram na África uma interpretação para as suas observações; buscaram desvendar a lógica cultural dos terreiros no Brasil. Em *Para*



*inglês ver*, mostrei uma relação entre os poderes mágicos dos pais-de-santo e a sua sexualidade considerada desviante na sociedade envolvente e, ao mesmo tempo, sugeri terem combinado bem os papéis de gênero feminino e masculino nas suas trajetórias dentro do culto. Patrícia Birman, mais fiel a Ruth Landes, concentrou-se em deslindar a lógica de gênero nos candomblés do Rio de Janeiro, baseada na associação entre a feminilidade e a possessão. J. Lorand Matory, por sua vez, engenhosamente reconheceu a lógica simbólica da relação na situação contemporânea brasileira mas *também* na cosmologia ioruba que entende a relação entre uma pessoa e seu espírito no momento da possessão como relação entre feminilidade e masculinidade. Argumentou convincentemente que a relação entre “desvio” e possessão por mim postulada simplesmente não explica o prestígio das mulheres no candomblé. “Na articulação entre concepções populares brasileiras de gênero e o abrangente simbolismo ioruba de relações cósmicas, as bichas e as mulheres são depositárias *normais* do poder divino” (Matory, 1988, p. 230, 231). Mesmo assim, segundo o esquema e a lógica de Matory, os candomblés mais tradicionais deveriam ser os mais tolerantes à presença de filhos femininos quando de fato é o oposto que ocorre. De acordo com Landes, são justamente os candomblés “de caboclo” que possuem o maior número de filhos e pais-de-santo homossexuais.

A questão do *status* da África para a interpretação do Brasil contemporâneo, que foi o centro da disputa entre Landes, Carneiro e Frazier, de um lado, e Ramos e Herskovits, de outro, continua até os nossos dias. Mas agora essa questão é mais complexa, porque está cada vez mais próxima aos sentimentos e à política. Uma crescente ênfase na questão racial no Brasil incentiva a busca de origens africanas e a celebração destas no cenário contemporâneo brasileiro. Quão distinto parece ser o Brasil do final do século XX daquele outro Brasil da década de 1930...

De fato, estas poucas palavras de apresentação não seriam completas sem uma referência à questão das relações raciais, que, como notamos, foi o que conduziu Ruth Landes a Salvador. É muito comum para os antropólogos mudarem os seus projetos de pesquisa diante da “realidade”

encontrada no campo. Mas neste caso não há mudança propriamente dita, mas sim uma reviravolta quase completa. Como declara Landes no seu prólogo: “Este livro acerca do Brasil não discute problemas raciais ali — porque não havia nenhum. Descreve, simplesmente, a vida de brasileiros de raça negra, gente graciosa e equilibrada, cujo encanto é proverbial na sua própria terra e imorredouro na minha memória”. (p. 34).

Lendo estas palavras hoje, o leitor pode concluir que faltava a Landes qualquer senso crítico, por não perceber o racismo à brasileira. Mas, nos idos das décadas de 1930 e 1940, esta imagem sobre o Brasil era amplamente aceita, no País e no resto do mundo. Na verdade, há boas razões para supor que a idéia de “democracia racial” tenha sido consolidada por ativistas, escritores e intelectuais que olhavam para o Brasil a partir de terras onde a regra era a segregação. Por exemplo, negros dos Estados Unidos que visitavam o Brasil voltavam cheios de elogios. Líderes como Booker T. Washington e W. E. B. DuBois escreveram positivamente sobre a experiência negra no Brasil, enquanto o nacionalista negro Henry McNeal Turner e o jornalista radical Cyril Biggs chegaram ao ponto de defender a emigração para o Brasil como refúgio à opressão nos Estados Unidos.<sup>7</sup> Em 1944, o escritor judeu Stefan Zweig achou que o Brasil era a sociedade racialmente mais harmoniosa que havia visitado.<sup>8</sup> Na época de DuBois e Landes, então, considerava-se o Brasil uma “democracia racial”, onde as relações entre pessoas de cores diferentes eram fundamentalmente consonantes. Há boas razões para se pensar que alguns problemas, assim como algumas belezas, estão nos olhos de quem os vê.

### Notas

<sup>1</sup> Luitgard Oliveira Cavalcanti Barros publicou uma versão mais ampla desta crítica que ela encontrou na Coleção Artur Ramos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Nesta versão, Ramos começa com cópias da correspondência entre ele e Guy Johnson sobre o relatório (Barros, 2000). Édison Carneiro

afirma que o artigo foi rejeitado pela revista *Sociologia*, de São Paulo (Carneiro, 1964, p. 227).

- <sup>2</sup> É possível que Landes tenha utilizado esta expressão no seu relatório para Gunnar Myrdal.
- <sup>3</sup> Uma parte desta correspondência se encontra em Barros, 2000.
- <sup>4</sup> Veja Corrêa, 2000.
- <sup>5</sup> “Não encontrei na Bahia nenhum grupo de ‘negros puros’ ou negros que estivessem isolados dos brancos, amarelos ou pardos. É possível, é claro, que o professor Herskovits tenha achado tais grupos e que entre estes grupos traços da cultura africana estivessem presentes na sua vida familiar” (Frazier, 1943a, p. 402).
- <sup>6</sup> “Um antropólogo brasileiro e um antropólogo americano traduziram o termo ‘pai-de-santo’, para o inglês, como ‘father-in-saintliness’” (Frazier, 1943a, p. 404).
- <sup>7</sup> Ver Michael George Hanchard, 1994.
- <sup>8</sup> Ver Spitzer, 1989 e Zweig, 1960.

### Referências Bibliográficas

- BIRMAN, P. *Fazer estilo criando gênero: possessão e diferença de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduerj/Relume Dumará, 1995.
- CARNEIRO, É. Uma falseta de Artur Ramos. In: *Ladinos e crioulos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- CLARKE, E. *My mother who fathered me: a study of the family in three selected communities in Jamaica*. Londres: George Allen & Unwin, 1957.
- FRAZIER, F. Rejoinder by E. Franklin Frazier. *American Sociological Review*, n. 8, p. 402-404, 1943.
- \_\_\_\_\_. The Negro family in Bahia, Brazil. *American Sociological Review*, n. 7, 1943.
- FRY, P. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: \_\_\_\_\_. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

- HANCHARD, M. G. *Orpheus and power: the Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, Brazil, 1945-1988*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- HERSKOVITS, M. The Negro in Bahia, Brazil: a problem in method. *American Sociological Review*, n. 8, 1943.
- \_\_\_\_\_. Review of *The city of women*. *American Anthropologist*, n. 50, 1947.
- KERR, M. *The people of ship street: on a Liverpool slum*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1958.
- LEACOCK, S. A. R. *Spirits of the deep: a study of an afro-brazilian cult*. Nova York: Anchor Books, 1975.
- LIMA, Vivaldo da Costa. *A família de santo nos candomblés gêge-nagôs da Bahia: um estudo das relações intergrupais*. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- MATORY, J. L. Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras. In: REIS, J. J. (org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- RAMOS, A. Pesquisas estrangeiras sobre o negro brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *A aculturação negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1942.
- \_\_\_\_\_. O ethos do negro no novo mundo. In: BARROS, L. O. C. (org.). *Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2000.
- RIBEIRO, R. Problemática pessoal e interpretação divinatória nos cultos afro-brasileiros do Recife. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31, 1954.
- SMITH, R.T. *The Negro family in British Guiana*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1956.
- SPITZER, L. *Lives in between: assimilation and marginality in Austria, Brasil, West Africa 1780-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- YOUNG, M. D.; WILLMOTT, P. *Family and kinship in East London*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1957.
- ZWEIG, S. *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

## Nota à 1ª edição brasileira

É com alegria e desvanecimento que vejo este meu livro traduzido no Brasil.

Vinte anos depois, relendo esta crônica juvenil da maravilhosa Bahia, percebo com prazer que, no intervalo, o candomblé ganhou novas forças e se fez amado e admirado em todo o país, e que a herança africana, tão ciosamente guardada e preservada pelas mulheres do culto, está sendo incorporada doce e firmemente ao patrimônio cultural de todos os brasileiros, em escala cada vez maior.

Desejo agradecer, de todo o coração, ao eminente *scholar* (e candomblezeiro) dr. Édison Carneiro o cuidado e o interesse com que reviu, reajustou e anotou esta tradução, em especial quanto a nomes e pessoas, costumes e particularidades locais. Desde o começo, em 1938-1939, as minhas pesquisas muito se enriqueceram com a sua orientação e ajuda; mas as interpretações são de minha responsabilidade.

R. L.